

9. Imitar Deus: vem-nos o desejo de ser como Ele

por Julián Carrón*

A experiência do perdão, da misericórdia, que muda os contornos da nossa vida, faz-nos querer fazer o bem. «Como quando os meus pobres pais», conta Dom Giussani, «depois de um erro, em vez de me ralharem ou me castigarem, me perdoavam: dá vontade – não só à criança, mas também às crianças grandes – de fazer o bem». Dá vontade! «É necessário que o perdão que já temos em nós se manifeste. Ele manifesta-se de dentro de nós, daquele profundo em que nós nascemos d’Ele, nascemos como liberdade; é necessário que se manifeste no meu amor a ti. Este será o último dia, quando uma evidência abissal irá persuadir todos: a imensa dor irá tornar-se em eterno amor».¹

Que isto é possível, é o que nos testemunha um amigo que está preso: «Meus amigos, regressando à prisão uma manhã, vocês não fazem ideia de como foram uma ajuda para mim; entro na prisão e, como sempre, fazem-me uma revista, uma revista que pouco tem a ver com o ser humano, com a dignidade; despem-me. O que me permitiu enfrentar esta provação foi também o vosso rosto, o vosso bem, e eu pensei: “Mas se é verdade o que partilhaste com o grupinho de amigos, então também esta provação, ou melhor, esta circunstância é para ti. Não pode existir nenhuma circunstância que me possa roubar a coisa mais importante que trago em mim, ou seja, o olhar feliz”. Portanto, naquele instante, vocês foram a minha salvação, abracei toda aquela realidade, ainda que me provocasse tristeza, não só por mim, mas sobretudo por quem me fazia aquilo. Mas percebi que não é culpa deles. Que culpa tem alguém se não fez um encontro, se não teve quem o amasse gratuitamente e conseqüentemente o ensinasse a amar, como é que se faz sem um guia assim?! Que culpa tem alguém de não ter uma testemunha para seguir, que o faça entender o que é o homem e, principalmente, por que razão vale a pena viver? Eu olhei para eles com uma grande ternura, não porque me agradasse despir-me ou ser tratado assim, isso não. Olhei para eles com ternura porque, se uma pessoa foi sempre tratada assim na vida, conseqüentemente trata da mesma maneira a quem encontra. Foi ele o primeiro a quem feriram a dignidade, e age conseqüentemente com quem encontra!».

Isto, observa Dom Giussani, é o que acontece: «Através do espanto da Sua misericórdia, Ele faz-nos sentir o desejo de ser como Ele». O Papa convidou-nos a viver um ano da Misericórdia para que cresça em nós o desejo de ser como Cristo. «Até em quem não se interessava pela Igreja, nem pela moral [continua Dom Giussani] nasce um desejo de ser como Ele! Começa-se a perdoar realmente aos inimigos, aos que fazem o mal, e percebe-se então Job que, diante dos adversários que destruíram tudo o que tinha, consegue dizer: “O Senhor deu, o Senhor tirou: seja bendito o nome do Senhor”. Quando nos levantamos de manhã, sentindo o perdão que nos renova a vida, também nos dá vontade de dizer: “Senhor, ajuda-me a ser como Tu”. De facto, Jesus tinha já recomendado aos discípulos: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” [é o »

* Do livrinho dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» tema que o Papa escolheu para este Ano Santo da Misericórdia: “Misericordiosos como o Pai”. E isto é um último contrassenso, mas só até certo ponto, porque é o desejo que define o ânimo do homem novo. Não somos realmente humanos se não desejarmos ser misericordiosos como o Pai que está nos céus. A questão é se realmente desejamos». Não é «se não erro»: é se desejo. «Então, o milagre da misericórdia é o desejo de mudar. E isto implica aceitar-se, porque senão não seria desejo de mudança, mas pretensão e presunção, e não se tornaria pedido a Outro, não seria confiar-se a Outro. Este desejo define o presente, o instante do homem pecador. O milagre é aceitar-se e confiar-se a Outro presente, para sermos mudados, ficando diante d’Ele, mendigando».²

Por isso, conclui Dom Giussani, «o pedido é toda a expressão do homem [...]. Então uma pessoa já não tem medo de nada, não tem nem sequer medo de si mesma. E sente-se como uma criança que o Pai se inclina para agarrar: realmente o homem torna-se uma criança segura nos braços do seu pai. Uma pessoa, na sua pobreza, espantada diante da perfeição misteriosa de Deus Pai, Filho e Espírito, pede para ser como Ele. E não é uma ousadia temerária, é uma súplica real, simples, como a de uma criança que estivesse plenamente consciente».³

Como é que um homem que viveu uma experiência como aquela encarnada e descrita por Dom Giussani concebe o seu estar no mundo, a sua tarefa na história?

Em 1993, no meio da crise política e social provocada pelo fenómeno de Tangentopoli, [*investigação judicial de grande envergadura, com início em Milão, que visava esclarecer casos de corrupção na década de 90, e que levou ao fim da chamada Primeira República Italiana e ao desaparecimento de muitos partidos políticos, bem como ao suicídio ou fuga de vários políticos e industriais quando os seus crimes foram descobertos, N.d.T.*], devido ao qual tudo em Itália parecia desabar, durante uma conversa perguntam a Dom Giussani: «Qual é a tarefa dos cristãos hoje? Reconstruir o mundo em nome de Cristo?». Ele responde: «A tarefa deles hoje é comunicar, participar a toda a natureza humana que nos cerca a misericórdia com que Cristo nos trata».⁴

É surpreendente a coincidência total com a posição do Papa Francisco: «A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua acção pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia». E também: «A credibilidade da Igreja», ou seja, a possibilidade de justificar-se perante o mundo e perante nós mesmos «passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo. A Igreja “vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia”. Talvez, por demasiado tempo, nos tenhamos esquecido de apontar e viver o caminho da misericórdia. Por um lado, a tentação de pretender sempre e só a justiça fez esquecer que esta é apenas o primeiro passo, necessário e indispensável, mas a Igreja precisa de ir mais além a fim de alcançar uma meta mais alta e significativa. Por outro lado, é triste ver como a experiência do perdão na nossa cultura vai rareando cada vez mais. Em certos momentos, até a própria palavra parece desaparecer. Todavia, sem o testemunho do perdão, resta apenas uma vida infecunda e estéril, como se vivesse num deserto desolador. Chegou de novo, para a Igreja, o tempo de assumir o anúncio jubiloso do perdão. É o tempo de regresso ao essencial, para cuidar das fraquezas e dificuldades dos nossos irmãos. O perdão é uma força que ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança».⁵ Como vemos, a bula de proclamação do Ano Santo é uma mina de indicações para a realização da nossa tarefa no mundo de acordo com a natureza do cristianismo.

¹ *Guardare Cristo*, Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Apontamentos das meditações [de Luigi Giussani], supl. a *Litterae communionis*-CL, n. 4, 1990, p. 28.

² L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. 187-188.

³ *Ibidem*, p. 188.

⁴ L. Giussani, *O Eu, o poder, as obras*, Cidade Nova, São Paulo 2001, p. 225.

⁵ Francisco, *Misericordiae vultus: Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, 11 de abril de 2015, §10.